

□ Tempo de leitura: 4 min.

*Nós também somos enviados. Nossos locais de trabalho, bairros, famílias e amizades são as “cidades e lugares” onde Cristo pretende vir e nos envia lá à sua frente para preparar o caminho.*

No Evangelho de Lucas, no início do capítulo 10 (versículos 1-19), Jesus estende sua missão além dos Doze, enviando setenta e dois discípulos à sua frente para preparar o caminho. É um momento decisivo: a missão não é mais reservada a um pequeno círculo apostólico, mas se estende a um grupo mais amplo de seguidores comuns. A implicação é clara: cada discípulo é missionário, enviado ao seu canto particular do mundo para tornar Cristo presente.

Para os cristãos de hoje, que trabalhamos em escritórios ou hospitais, criamos filhos em casa ou servimos nas escolas, administramos empresas ou cuidamos de idosos, esta passagem fala diretamente à nossa vocação batismal. Nós também somos enviados. Nossos locais de trabalho, bairros, famílias e amizades são as “cidades e lugares” onde Cristo pretende ir e nos envia lá à sua frente para preparar o caminho.

As instruções que Jesus dá não são apenas para os “profissionais” religiosos, mas para todos aqueles que levam o seu nome. São instruções que revelam como deve ser o testemunho cristão em qualquer contexto: viajar com pouca bagagem, levar a paz, curar os feridos, anunciar a proximidade do Reino através da realidade concreta de nossas vidas.

Em uma cultura que muitas vezes relega a fé a uma convicção privada ou ao culto dominical, Lucas 10 reivindica toda a vida como território missionário. Estas três reflexões exploram como as palavras de Jesus aos setenta e dois iluminam o que significa viver como discípulos enviados nas circunstâncias comuns da vida cotidiana.

## **1. Viajar com pouca bagagem: liberdade do peso da autossuficiência**

“Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias.” Jesus envia seus discípulos deliberadamente vulneráveis, radicalmente dependentes de Deus e da hospitalidade dos outros. Esta instrução desafia os pressupostos fundamentais da vida contemporânea: que a segurança deriva da acumulação, que o valor provém da autossuficiência, que devemos sempre ter tudo sob controle.

Para os cristãos que enfrentam a vida comum – carreira, responsabilidades familiares, pressões econômicas – este apelo à pobreza evangélica não significa abandonar um planejamento prudente ou uma gestão responsável. Em vez disso, expõe uma questão espiritual mais profunda: em que realmente confiamos?

Vivemos em uma cultura que nos ensina a confiar em nossa capacidade de gerenciar qualquer eventualidade. Acumulamos certificações, credenciais, contatos – construindo “bolsas” cada vez maiores. E nos esgotamos tentando manter a ilusão da autossuficiência.

A instrução de Jesus nos liberta desse peso. Viajar com pouca bagagem significa reconhecer nossa dependência fundamental da providência de Deus, da comunidade dos crentes, da graça que não podemos fabricar. Significa estar dispostos a reconhecer quando não temos a resposta, quando precisamos de ajuda, quando nossos planos cuidadosamente elaborados desmoronam e devemos confiar que Deus providenciará outro caminho.

Em termos práticos: admitir que não somos perfeitos e que manter uma imagem perfeita no final nos torna escravos; ser honestos com os filhos sobre nossas dificuldades; escolher a simplicidade em vez da acumulação, a presença em vez da produtividade, a confiança em vez da ansiedade.

Não somos chamados a ser cristãos que parecem ter resolvido tudo. Somos convidados a descobrir que Cristo é suficiente, que a sua graça é realmente o bastante, que a dependência de Deus é pura liberdade.

## **2. Antes de tudo, a paz: presença em um mundo fragmentado**

“Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: «Paz a esta casa.»” Antes de qualquer atividade ou produtividade, que haja, antes de tudo, paz. Vivemos vidas fragmentadas: mil coisas ao mesmo tempo, presentes pela metade nas conversas.

Jesus nos envia para levar a paz. Atenção: não é a paz superficial, fruto da ilusão de ter tudo sob controle, mas a paz verdadeira e profunda que vem de saber que somos sustentados por Deus mesmo no caos.

Esta paz é um testemunho contracultural: quando os colegas estão estressados e nós permanecemos firmes, não através da negação, mas através da confiança; quando os bairros estão ansiosos e nós oferecemos uma presença calma, não através da ingenuidade, mas através da esperança.

Pense nas “casas” cotidianas em que você entra: local de trabalho, sua casa, academia, escola dos filhos, bairro. Levar a paz pode significar não participar de fofocas no trabalho, mas falar com respeito; criar uma atmosfera doméstica onde as pessoas possam respirar e onde haja espaço para o silêncio; ser o vizinho que ouve sem julgar.

Esta paz torna-se particularmente poderosa e significativa com aqueles que estão lutando. Quantas pessoas carregam fardos invisíveis, lutas de saúde mental, ansiedade financeira, crises de relacionamento, desespero existencial. Elas não precisam de soluções. Precisam de alguém que possa estar com elas na dor sem se desestabilizar, que irradie uma paz que sugira um terreno sólido sob o caos.

Nosso testemunho cristão diz respeito principalmente a quem somos: pessoas que encontraram uma paz que o mundo não pode dar nem tirar.

### **3. Cura e proclamação: tornar o Reino visível**

“Curai os doentes que nela houver e dizei-lhes: «O Reino de Deus está próximo de vós.»” Palavra e ação são inseparáveis. Isso significa reconhecer as feridas ao nosso redor e responder com atos concretos de empatia: reconhecer a sensação de vazio e a falta de sentido que alguns carregam, a competição implacável, o esgotamento de outros, oferecendo-lhes o dom de uma presença que sabe ouvir sem julgar; estar perto de quem se sente isolado, dos idosos, com gestos pequenos e simples, mas que deixam uma marca no coração sofredor.

O Reino se faz próximo quando as pessoas podem dizer: “Encontrei algo diferente aqui. Fui acolhido, valorizado, restaurado.”

Foi assim que a Igreja primitiva cresceu, não principalmente através de pregações

eloquentes, mas através de comunidades que viviam de forma tão diferente que as pessoas eram levadas a perguntar: “O que vocês têm que nós não temos? Por que vocês amam assim? De onde vem essa esperança?”

Nossas vidas se tornam a proclamação. E quando as pessoas perguntam, estamos prontos para nomear a fonte: “O Reino de Deus está próximo de vós. O amor que vocês experimentaram não vem apenas de nós; vem de Cristo, que fez novas todas as coisas e que os convida para esta nova realidade.”